MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
28 de Novembro de 2017

I.

Na Alemanha sociais-democratas voltam atrás e dizem que estão dispostos a negociar um novo governo com a chanceler Angela Merkel.

O Dia Internacional para a Erradicação da Violência contra a Mulher foi assinalado à escala global. Bruxelas pede mais eficácia de governos, polícia e tribunais no combate a este tipo de violência.

Ainda nesta edição: nas vésperas da Cimeira União Europeia-África, Parlamento Europeu defende implementação de um Plano Marshall para o continente africano.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa!

A chanceler alemã Angela Merkel já tinha dito que não queria dialogar nem com a extrema-direita nem com a extrema-esquerda. Novas eleições pareciam ser o cenário mais provável.

Angela Merkel, Chanceler da Alemanha
Um governo minoritário não está nos meus planos, mas vamos ter de esperar pelos próximos dias. Novas eleições são um caminho. Não quero dizer "não" e "nunca", mas estou muito céptica e penso que novas eleições são a melhor solução.

Dois meses após as legislativas de 24 de Setembro, a chanceler alemã não chegou a um acordo de coligação nem com o Partido Liberal nem com os Verdes. E quando tudo fazia prever novas eleições na Alemanha, os sociais-democratas do SPD recuaram. Isto é, face ao que defendiam inicialmente: queriam passar de parceiros de coligação para a oposição.
Agora, o líder do SPD, Martin Schulz reuniu-se com o partido e disse que reconsiderou a posição após uma reunião com o presidente alemão Frank-Walter Steinmeier.
O presidente apelou a todos os partidos, excluindo a extrema-direita e a extrema-esquerda, que demonstrassem disponibilidade para o diálogo, com vista à formação de um governo.

Connosco a partir de Bruxelas está o comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional, Victor Ângelo.

Victor, o que é que poderá ter levado a esta mudança de estratégia dos sociais-democratas?
Eu penso que é a preocupação pela estabilidade. A Alemanha é uma sociedade que dá primazia à estabilidade. Nos últimos quase 40 anos, apenas houve na Alemanha quatro chanceleres, ou seja, existe uma pressão muito grande por parte da opinião pública, por parte do eleitorado para que se encontre um acordo político. Tem sido tradição na Alemanha haver governos de coligação. A verdade é que esta coligação ao centro é a coligação que os alemães preferem, porque é uma coligação que exclui ambas as extremas.

O que é que aconteceria se houvesse uma nova ida às urnas, por exemplo?
Duas coisas, por um lado dava a impressão aos alemães e também à Europa que não havia neste momento na Alemanha condições para se encontrar um acordo quando, tradicionalmente, sempre houve essa tradição de um acordo. Por outro lado, novas eleições dentro de três ou quatro meses iriam provavelmente dar os mesmos resultados. Ou seja, apenas se adiaria o impasse.

Este impasse político na Alemanha enfraquece a posição do país como um dos líderes da União Europeia, Victor?
A Alemanha considera-se o país charneira da União Europeia. Aliás, muitos europeus, uma boa maioria dos europeus, olha para a Alemanha como o país que exerce a liderança, até porque demograficamente é o país com mais habitantes, é o país de longe que tem uma maior população. Por isso, a Alemanha desempenha um papel importante, embora haja evidentemente na Europa quem não goste desse papel ser desempenhado pelos alemães. Mas eles desempenham um papel importante e a verdade é que o Eixo Paris-Berlim é um eixo fundamental para fazer avançar a União Europeia e nós notámos nos últimos dias que o presidente da França, Emmanuel Macron, estava extremamente preocupado com o facto de não haver acordo político de governo em Berlim. E chegou mesmo a dizer isso publicamente, ou seja, para além da pressão da opinião pública interna alemã, houve também pressão política, nomeadamente vinda de Paris.

III.

Foi assinalado este Sábado o Dia Internacional para a Erradicação da Violência Contra as Mulheres. Bruxelas diz que a situação já começou a mudar, mas relembra que há violência contra as mulheres todos os dias, dentro e fora da União Europeia. Mais com a Antena1.

MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
28 de Novembro de 2017

[Uma em cada três mulheres na Europa já foi vítima de violência física ou sexual. 80% das vítimas de tráfico humano dentro da União Europeia são mulheres. Nos países em desenvolvimento, uma em cada três jovens mulheres é casada antes dos 18 anos. Uma em cada duas mulheres que foram vítimas de violência, nunca o disse a ninguém. De Bruxelas chega o aviso, há situações de violência contra as mulheres de todas as idades, todos os dias, dentro e fora da União Europeia e acontece em diferentes contextos e sectores, em casa, no trabalho, na escola, na rua, no desporto e online.
No dia em que se assinala a erradicação da violência contra a mulher, a União Europeia diz que a situação começa, por fim, a mudar. Nos últimos 30 anos, a incidência de mutilação genital feminina diminuiu 50% em África. No Sul da Ásia, a percentagem de meninas casadas com menos de 15 anos baixou para metade e a comunidade está a incentivar as mulheres a falar.
47% das mulheres que foram vítimas de violência nunca o disse a ninguém, nem à polícia, nem aos serviços de saúde, nem a um amigo. O relatório do Instituto para a igualdade de género refere que nas sociedades que toleram a violência, não punem os autores e até culpam as vítimas. As mulheres têm menos probabilidades de falar sobre o que lhes aconteceu. A Comissão Europeia quer que as legislações se adequem e que a educação e a sensibilização para este fenómeno sejam alargadas. E quer respostas mais firmes da polícia, dos tribunais e do governo.]

Foram feitos progressos, mas é preciso investir mais em educação, legislação e na alteração das normas sociais, diz Bruxelas. Na prática, Victor, eu perguntava-lhe, que impacto é que podem ter iniciativas como a *Spotlight*, é uma iniciativa que foi lançada pela União Europeia e que vai apoiar com um fundo de 500 milhões de euros vítimas e contribuir para a criação de sociedades mais saudáveis, seguras e mais livres.
Na prática há aqui duas mensagens que convém acentuar e convém repetir. Por um lado, é que a violência contra as mulheres e as raparigas é uma das violações mais sérias dos direitos humanos, não só noutras partes do mundo, mas também em vários países europeus. E a segunda grande mensagem é que esta questão da erradicação da violência deve ser uma prioridade na agenda global e penso que se se continuar a insistir na faceta direitos humanos e no carácter prioritário desta luta que será possível nos próximos anos fazer avanços muito, muito importantes na questão da violência contra as mulheres. E, por isso, a iniciativa da União Europeia *Spotlight* que é uma iniciativa conjunta com as Nações Unidas é uma iniciativa bastante importante.

Dentro desse programa da *Spotlight Iniciative*, 25 milhões são canalizados para ajudar trabalhadoras migrantes no Sudeste

Asiático num novo programa que se chama "Safe and Fair", que pretende, como o nome indica, melhorar as condições de trabalho destas mulheres. Pode a UE ter um papel importante para travar a violência e, acima de tudo, o tráfico de pessoas no sudeste asiático?
Fundamentalmente, o papel da União Europeia terá de ser um papel de financiamento, por um lado, e o facto de ter aprovado 25 milhões de euros é importante, é uma primeira contribuição para a luta contra a discriminação das mulheres no Sudeste Asiático e para reafirmar os direitos que essas mulheres têm à igualdade. Por outro lado, a UE deve continuar nas suas cimeiras com o Sudeste Asiático e com outras partes do globo, mas nomeadamente com essa parte da Ásia. Nas suas cimeiras políticas deve continuar a incluir a questão dos direitos humanos e a questão da violência contra as mulheres como pontos importantes na agenda política. Estas questões devem continuar a ter muita visibilidade, devem continuar a fazer parte das cimeiras e dos contactos políticos e devem, por outro lado também, ser objecto de tratamento nos meios de comunicação social. Ou seja, por um lado, é preciso dinheiro e, por outro lado, é preciso manter a opinião pública viva em relação a estas questões e manter a pressão política sobre os dirigentes desses países.

IV.
O lançamento de um Plano Marshall para o continente africano é uma das propostas lançadas pouco antes de começar a cimeira União Europeia- África, que decorre na Costa do Marfim, como nos conta a jornalista Sónia Nunes.

Realiza-se pela primeira vez na África subsaariana. Abidjan, capital económica da Costa do Marfim, é a anfitriã da quinta Cimeira União Europeia-África, que decorre esta semana entre quarta e quinta-feira.
Oitenta e três chefes de Estado e de governo, 55 países africanos e 28 europeus vão estar representados no evento, que tem como tema “Investir na Juventude para um futuro sustentável”.
O continente africano e o europeu vão ter a oportunidade de debater o investimento na juventude e temas como a democracia, paz e segurança, emprego, direitos humanos, migração e mobilidade, entre outros.
Nas vésperas da cimeira, o presidente do Parlamento Europeu defendeu a implementação de um "Plano Marshall" para África. Antonio Tajani fazia referência ao programa de recuperação económica da Europa no final da segunda guerra mundial.
O líder salientou que o plano de investimento actual “está longe de ser suficiente”.

A primeira cimeira UE-África realizou-se no Cairo, capital do Egipto, em 2000. Lisboa acolheu a segunda edição, em 2007, seguindo-se a Líbia em 2010 e Bruxelas em 2014.

Victor, a questão dos migrantes vai estar no topo da agenda da cimeira UE-África. Vale a pena citar um estudo da Organização Internacional das Migrações, que concluiu que mais de 33 mil pessoas morreram afogadas nos últimos 17 anos, quando tentavam chegar à Europa, o que faz do Mediterrâneo a fronteira mais mortíferia do mundo. Outras das questões a ser abordada é a juventude. Num comunicado, Bruxelas escreveu que esta é uma das principais prioridades para África e para a UE, pois 60% da população africana tem menos de 25 anos. Que mais é que podemos esperar deste encontro entre a União Europeia e a União Africana?
Durante muitos anos, talvez até durante décadas, pensou-se na África como um continente relativamente distante e neste momento há perfeita consciência, ao nível político, europeu e não só, em certos países da União Europeia também, ao nível das populações de que a África é um dos nossos vizinhos muito próximos e, por isso, é importante que se tome atenção àquilo que se passa na casa do vizinho. E o que se passa na casa do vizinho, e nomeadamente o que se passa nas zonas de África que estão mais próximas da Europa são problemas gravíssimos de pobreza, de insegurança, de má governação e de falta de perspectivas. E estas questões têm que estar em cima da mesa e, por isso, se fala nomeadamente na adopção de um plano Marshall em relação a África. Esta questão do plano Marshall não é uma questão totalmente nova e também não pode fazer esquecer que durante dezenas de anos, a Europa foi o principal fornecedor de ajuda ao desenvolvimento e de assistência humanitária em África. A questão que se põe é: quais são os principais obstáculos ao desenvolvimento africano? E eu penso que isso tem que ser posto em cima da mesa. Há questões muito importantes de corrupção, de má governação, mas também há outras questões que têm que ver com a explosão demográfica no continente africano e como é que se responde às necessidades de emprego – primeiro às necessidades de educação e depois às necessidades de emprego – de uma população extremamente jovem, extremamente dinâmica e que hoje já não se contenta em ir para os grandes centros urbanos africanos, porque sabe perfeitamente que as cidades africanas não oferecem perspectivas de emprego, não oferecem perspectivas de vida e que a única solução é tentar emigrar para outras partes do mundo e nomeadamente para o vizinho mais próximo que é o vizinho europeu. Também não nos podemos esquecer de que há uma ligação histórica muito forte entre a maioria dos países africanos e

vários países europeus, na medida em que vários países europeus tiveram colónias no continente africano.

E um dos países que tem relações históricas com África é França e é precisamente Emmanuel Macron, presidente francês, que está também de visita África, ainda antes desta cimeira UE-África. Que papel pode ter a França e o seu jovem presidente na relação da União Europeia com este continente?
A França é um actor muito importante em vários países africanos e nomeadamente na zona de África que mais interessa à União Europeia, ou seja, o norte de África e toda a África Ocidental. E, por isso, a presença de Macron no continente africano e o interesse de Macron pelo continente africano são de louvar. Macron pode no contexto europeu tentar manter a questão africana no topo da agenda política europeia, porque a verdade é que, para além desta cimeira de Abidjan, a questão africana é uma questão relativamente lateral no que diz respeito às discussões políticas na Europa e a França pode desempenhar um papel importante de transformar essa questão numa questão central. Por outro lado, a França desempenha um papel importante em matéria de segurança nalguns espaços africanos. Neste momento, a França tem cerca de quatro mil soldados destacados no continente africano. Esses destacamentos são muito importantes para manter uma certa estabilidade e uma certa segurança nas regiões onde eles operam, não são suficientes evidentemente, mas são importantes. A França pode tentar que outros países europeus no quadro da Cooperação Estruturada Permanente em matéria de defesa também contribuam com soldados e com ajuda militar e ajuda policial para reforçar a segurança nas zonas de África onde essa segurança neste momento praticamente não existe.

E antes de terminarmos o programa de hoje, perguntava-lhe, o Victor vai estar em Macau para a semana participar em dois dias de conferência sobre a União Europeia. Poderia aqui para quem nos ouve levantar um pouco o véu sobre o que vai ser discutido em Macau?
No dia 4 ao fim da tarde falarei na Universidade de Macau sobre questões de defesa, ou seja, a maneira como a Europa está a encarar as novas ameaças e a maneira como vai responder ou procura responder a esses novos perigos. Por isso, a defesa como uma questão fundamental neste momento na agenda política europeia. E na terça-feira, dia 5, ao fim da tarde, estarei na Fundação Rui Cunha para discutir questões relacionadas com as grandes opções de futuro, a agenda de transformação da Europa, tal como essa agenda é vista pelos líderes europeus mais importantes, ou seja por Jean-Claude Juncker, por Emmanuel Macron, por Angela Markel e por outros líderes e também, em certa

medida, líderes com um impacto negativo na Europa podem fazer descarrilar essa agenda de transformação, ou seja, por exemplo o que é que pode acontecer no relacionamento entre Bruxelas e a Hungria, tendo em conta que Viktor Orban, o primeiro-ministro da Hungria, tem uma posição que não é muito favorável à integração europeia.

V.

Declarações de Victor Ângelo, que nos acompanha aqui no Magazine Europa e que para a semana vai estar Macau. Na segunda-feira, dia 4, às 5:30 da tarde na Universidade de Macau e na terça-feira, dia 5, na Fundação Rui Cunha às 6:30 da tarde.
Tempo ainda para a nossa habitual sugestão cultural.
Exposição na Galeria Tate Modern, em Londres, mostra as obras do pintor e escultor italiano Amedeo Modigliani.
O artista nasceu em Itália em 1884, mudou-se para Paris em 1906 e foi influenciado por Picasso, Matisse e Cézanne.
Teve uma vida curta e de excessos; morreu aos 35 anos. Modigliani procurava tirar a roupa ao ser humano, queria mostrar a alma. Os nus, principalmente femininos, formam uma parte importante do trabalho que desenvolveu. Nesta exposição pode ver 12. É o maior grupo de nus deste artista que foi reunido até hoje.
Nós ficamos por aqui, até para a semana!

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.
As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.
O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +. Estamos no Facebook em Magazine Europa.